



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**PRÁTICAS EPISTOLARES E CULTURA ESCRITA**

Carla Gastaud\*

A escrita epistolar é um dos processos de afirmação das práticas da cultura escrita – em uma sociedade que se torna cada vez mais grafocêntrica<sup>1</sup> - no período compreendido entre o final do século XIX e o começo do século XX. Escrever cartas é uma prática social da cultura escrita que se generaliza e populariza com a ampliação da alfabetização da população e com a criação dos sistemas escolares.

A história da cultura escrita é uma forma específica de história cultural que tem por objetivo a interpretação das práticas sociais de leitura e de escrita, como afirma Armando Petrucci:

saber por qué razones se ha hecho uso de la escritura en cada momento y sociedad, conocer la distribución de las capacidades de escribir y de leer, las materialidades de lo escrito, y los distintos lugares, espacios y maneras en los que se haga experimentado su recepción y apropiación, en fin, las prácticas de la escritura y de la lectura, es una forma de hacer historia cultural. (*Apud* CASTILLO GOMEZ, 2003, p. 96).

\* Professora Adjunta do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pelotas. Graduada em História pela UFPel, Mestre em História e Doutora em Educação pela UFRGS.

<sup>1</sup> Isto é, numa sociedade em que a cultura da maioria é profundamente penetrada pelo escrito e em que o impresso desempenha papel de primeira importância na circulação dos modelos culturais. (CHARTIER, 2003, p.91).

Estudar as práticas de correspondência é lançar-se em um mergulho nas relações entre cultura escrita e sociedade e na função que cada produto gráfico assume no ambiente cultural concreto que o produz e utiliza (SIERRA BLÁS, 2003, p.109). As cartas, inclusive e, talvez, especialmente as correspondências ordinárias, “datadas e localizadas, guardam consigo os sinais de um momento, fixam a experiência no tempo e no espaço” (IONTA, 2004 p 19). Seus dizeres passam a ser “signos ou indícios a serem interpretados”. Quando chegam até nós, as cartas “desvelam a vida privada” (DAUPHIN e POUBLAN, 2002, p. 75).

As cartas são objetos biográficos. O correspondente escreve para realizar um projeto de dizer e de dizer-se. A família que guarda institui um conjunto que serve aos seus propósitos: seleciona, descarta, elege as cartas boas para guardar.

A carta não é uma invenção dos séculos XVI e XVII, mas é neste período que adquire importância como instrumento de comunicação social, escreve Castillo Gomes (2006, p. 19). Na época moderna, o crescimento da alfabetização e a consciência do desenraizamento, devido a guerras e à emigração, fizeram possível uma maior produção e extensão social da correspondência escrita.

Segundo Chartier (1991), *Le Secrétaire à la mode*<sup>2</sup> foi o “best seller” das coletâneas de modelos de cartas, embora “dedicados inicialmente aos epistológrafos nobres ou burgueses, esses secretários logo são incluídos no catálogo de editores que publicam livros de ampla circulação”. O interesse pelos manuais de escrita estendeu-se a outras camadas sociais e a *Bibliothèque bleue*<sup>3</sup> incluiu o *Secrétaire à la mode* e outros manuais. É bastante possível que tais modelos eruditos tenham tido bem pouca utilidade para os leitores populares, mesmo assim, “possuir um livro que os contém constitui uma espécie de enobrecimento cultural”. (CHARTIER, 1991, p. 116).

---

<sup>2</sup> Escrita por Jean Puget de La Serre, esta obra conheceu muitas versões ainda durante a vida do autor (1593?- 1665), com o acréscimo de novas cartas e recomendações anunciadas com destaque nas folhas de rosto. Inúmeras obras similares apareceram ao longo do século XVII, em vários países. (MIRANDA, 2000, p. 44-5).

<sup>3</sup> “Fórmula editorial desenvolvida entre 1700 e meados de 1800, [pelos Oudot de Troyes], com a finalidade de atrair o público leitor mais numeroso (e mais popular)”, oferecia livros com capa azul, cujos títulos “provinham de todos os gêneros, todas as épocas e de todos os tipos de literatura” sempre comercializados ao preço mais baixo possível. (CHARTIER, 1995, P.223).

No século XIX, as novas formas da cultura escrita se impõem e as relações epistolares acabam por matizar<sup>4</sup> toda a vida social e por colocar toda uma sociedade, voluntária ou forçosamente, nos traçados do escrito. (DAUPHIN, 2000, p. 12). ).

O romance Drácula (STOKER, [1897] 2007) é uma amostra desta sociedade atravessada pela escritura. Publicado no final do século XIX, o livro se organiza inteiramente sobre testemunhos escritos - o diário de Jonathan Harker, as cartas de Mina Murray, os telegramas, as notícias publicadas no Daily Telegraph - que constroem a atmosfera de verossimilhança em torno da história do vampiro romeno que, por um curto período, assombra Londres.

Num mundo que se torna cada vez mais grafológico, a correspondência se torna o exercício por excelência que dá acesso ao universo do escrito<sup>5</sup> (DAUPHIN, 2000, p. 12). Esse é o tempo em que todos e qualquer um, gentes de pluma e sem ela<sup>6</sup>, em alguma ocasião, precisaram escrever cartas, acessar este universo, daí o significativo sucesso dos manuais de escrita epistolar do século XIX.

Os manuais difundem as normas epistolares, um modo correto de colocar-se por escrito, de dirigir-se ao destinatário, de usar o papel. Os manuais são instrumentos para organizar o estilo de escrever cartas e o êxito que experimentam está vinculado ao avanço da alfabetização e da necessidade de escrever cartas. (CASTILLO GOMES, 2006, p. 36).

Os manuais são sempre pedagógicos (DAUPHIN, 2000, p. 10). Servem para ensinar não só às pessoas com menos habilidade gráfica, mas, também, às pessoas com menos traquejo ou habilidade social. Um tema de que os manuais se ocupam repetidamente é esclarecer como se deve dirigir cartas a destinatários de diferentes posições e condição social.

Todo manual traz regras para cada ocasião em que uma carta deveria ou poderia ser enviada. Esses códigos, tão importantes quanto o conteúdo verbal da missiva, estabelecem uma imagem do remetente para o destinatário que, com um olhar para a carta recebida poderia identificar se se trata de uma pessoa fina, letrada, educada, ou, ao

<sup>4</sup> *Émailleur* no original. (Dauphin, 2000, p. 12).

<sup>5</sup> Tradução da autora.

<sup>6</sup> Nas palavras de Castillo Gomes, 2006, p.19.

contrário, poderia dizer que não se trata absolutamente de uma pessoa com estas qualidades.

Gaspar Tejada escreve em seu manual: “as cartas são projeções simbólicas de quem as escreve ou ordena e o secretário deve escrever as cartas de modo a que expressem a autoridade de seu senhor”. (*apud* CASTILLO GOMES, 2006, p. 40). Tomando as cartas de uma forma similar, isto é, como expressão de quem as escreve ou ordena, o manual de Lucia Jordão Villela afirma: “uma carta é quase que o retrato de uma pessoa. Quem escreve deve, pois, dar tóda atenção ao aspecto de sua missiva”. (VILLELA, 1967, p. 260).

O sucesso dos manuais está diretamente relacionado ao desejo de ser social e culturalmente apto, de colocar-se em um bom lugar na sociedade escriturística. Na falta de uma aptidão de berço ou de formação, o manual oferece a chance de parecer social e culturalmente adequado.

Esta habilidade, a de enviar uma carta em todos os sentidos adequada, era mais um marcador social que evidenciava a origem de classe do autor, assim como o fazem a fala com acento de origem popular, o tempo de permanência na escola, a prática de determinados esportes e o bronzeado da pele, ou, dependendo da época, a falta dele, entre tantos outros indícios de pertencimento social.

Enquanto o uso da correspondência se impõe em todos os domínios, a distribuição do *savoir-faire* epistolar não é uniforme. Cada situação de escritura deve ajustar à norma os rudimentos de um saber incerto, reinventar as mediações que ajudam a converter um ato de comunicação em texto corretamente dirigido e formulado. (DAUPHIN, 2000, p. 13).

A organização do texto e sua materialidade eram aspectos que convertiam a carta em um artefato capaz de representar as regras do pacto social e, portanto, capazes de projetar uma imagem de quem a escreveu e de sua posição naquela sociedade. Alterar as regras de escritura das cartas implicava romper o pacto social (CASTILLO GOMES, 2006, p. 55). Saber escrever significava também saber o que é conveniente e o que é decente dizer por escrito “*a l'ordre d'une culture, d'un gout, d'une liberté de parole*”.<sup>7</sup> (DAUPHIN, 2000, p. 13).

<sup>7</sup> “À ordem de uma cultura, de um gosto, de uma liberdade de palavra”. (Trad. da autora].

A liberdade de palavra, como na Grécia antiga, não é a liberdade para dizer o indizível, mas a liberdade para dizer o adequado. Há coisas que não devem ser ditas e muito menos escritas uma vez que, como os manuais encarregam-se de afirmar repetidas vezes, *scripta manent* - a escrita permanece - enquanto “as palavras passam, ou esquecem, o que se escreve fica, *‘scripta manent’*”. (ROQUETTE, [1866]1997, p. 267).

### **MANUAIS EPISTOLARES: A REGRA E A TRANSGRESSÃO**

A partir do século XVI, diversas obras, oferecendo modelos e normas para a prática da correspondência foram publicadas com o objetivo de “estruturar pequenos conjuntos de regras que podiam referir-se, por exemplo, às formas dos cabeçalhos e das frases de despedida”. (MIRANDA, 2000, p. 44).

Essas formas e formalidades só têm sentido se os sujeitos do comércio epistolar compartilham dos mesmos códigos, porque a forma da carta

[...] entraña un acto de comunicación que se debe interpretar a partir de los contextos de producción y recepción, valorando las estrategias culturales e ideológicas de las que se hace portador y las maneras en que se verifica la decodificación del mensaje, y incluyendo igualmente la reescritura que el texto puede experimentar una vez en manos del lector. (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 104).

O gesto epistolar manifesta normas e manifesta, também, a sua transgressão. A forma como uma carta é escrita revela a formação e a competência gráfica de seu autor e o “*seguimiento del protocolo de escritura que este emplea se convierte en un indicador de primera orden para situarle en una o en otra parte del entramado social*” (SIERRA BLÁS, 2003, p. 28). Escrever bem, isto é, escrever conforme a norma – ortografia, sintaxe, caligrafia, estilo – utilizando os materiais adequados – bom papel, tinta escura, envelopes apropriados - é um marcador de distinção social. Por isso os manuais são um sucesso editorial tão duradouro? Será porque constituem uma possibilidade de superar barreiras de classe e de formação?

Os manuais podem se apresentar como uma chave para apagar a distância cultural entre os que dominam as habilidades necessárias para escrever uma carta e os que não as dominam, mas os leitores populares, afirma Chartier, para os quais os manuais não tinham utilidade prática, parecem tê-los lido como ficção (CHARTIER, 2003a, p.

159). As fórmulas dos manuais se apresentam como um salvo-conduto para ultrapassar barreiras sociais (DAUPHIN, 2000, p. 58). Entretanto, escrever demasiadamente de acordo com as normas e seguir muito estritamente os modelos prescritos poderia funcionar como um marcador social às avessas, denunciando a pouca familiaridade com a escritura de tipo epistolar e a conseqüente preocupação com a forma. Como aponta Carmen D'Ávila, “que coisa horrível verificar que alguém nos escreve ‘ipsis verbis’ o que ali [nos manuais] se encontra”. (1942, p. 169).

Carta, epístola, missiva, correspondência. Uma carta é um objeto escrito para comunicar algo a alguém. Este alguém pode ser singular, individual, ou tão múltiplo quanto uma família, uma comunidade de leitura, uma vizinhança, uma cidade, um país, uma nação. Para ser reconhecido como uma carta, o objeto escrito deve mostrar alguns dos atributos do gênero epistolar, entre eles: lugar de origem, data e destinatário, saudações e despedidas e distribuição dos parágrafos de acordo com o cerimonial epistolar.

No século XVIII, a escrita de cartas como prática pedagógica aparece no Verdadeiro Método de Estudar, de Luís António Verrey, em 1746<sup>8</sup>, que prescrevia que a aprendizagem deveria “transcorrer com grande paciência, tentando mostrar ao aluno as regras do discurso e o seu exercício” e para isso necessitava-se “o suporte de uma gramática – curta, mas clara - e o exemplo de uma boa antologia epistolar, como a do Padre Antônio Vieira”. (MIRANDA, 2000, p. 51).

A correspondência estava presente na escola no século XIX e no século XX. Ser capaz de escrever uma carta era, e ainda é, uma habilidade a ser aprendida, desenvolvida e estimulada na e pela escola.

Como exemplo desta permanência, no livro de Magda Soares Guimarães, Português através de textos (1970), são encontrados alguns exemplos da persistente presença das cartas no âmbito escolar ainda na década de 1970<sup>9</sup>. Na obra, que tem um total de 156 páginas, a autora propõe por uma vez, como tarefa para os estudantes, após a leitura do texto Prodígio, de Carlos Drummond de Andrade (SOARES, 1970, p.113), que escrevam uma carta:

<sup>8</sup> Período em que com o Estado Moderno se ampliavam os sistemas escolares e se difundia a ideia da educação como direito.

<sup>9</sup> O exemplar de que disponho foi utilizado na sala de aula em 1978, em Pelotas, RS.

#### D) REDAÇÃO

No fim do texto, o autor – Carlos Drummond de Andrade – dirige-se ao leitor: “Leitor, dirás que minto e é possível”. Escreva-lhe uma carta dizendo se está ou não de acordo com a atitude dele em relação a Arita e às crianças prodígio em geral. (SOARES, 1970, p. 118).

As cartas reaparecem nesse mesmo livro didático<sup>10</sup> em alguns exercícios de conjugação de verbos, como no exemplo: “Quando eu morava longe daqui, escrevia muitas cartas”, que propõe a conjugação dos verbos em diferentes pronomes pessoais “Quando nós..... longe daqui..... muitas cartas”, e, sucessivamente, “quando vocês”, “quando tu”, “quando êle ”, e “quando você”. (SOARES, 1970, p.79).

No mesmo Português através de textos (SOARES, 1970) um outro exercício é solicitado, novamente o aluno deve seguir instruções que, desta feita, o conduzirão a escrever trinta e duas variações das frases “eu escrevo a carta” e “eu mando a carta”:

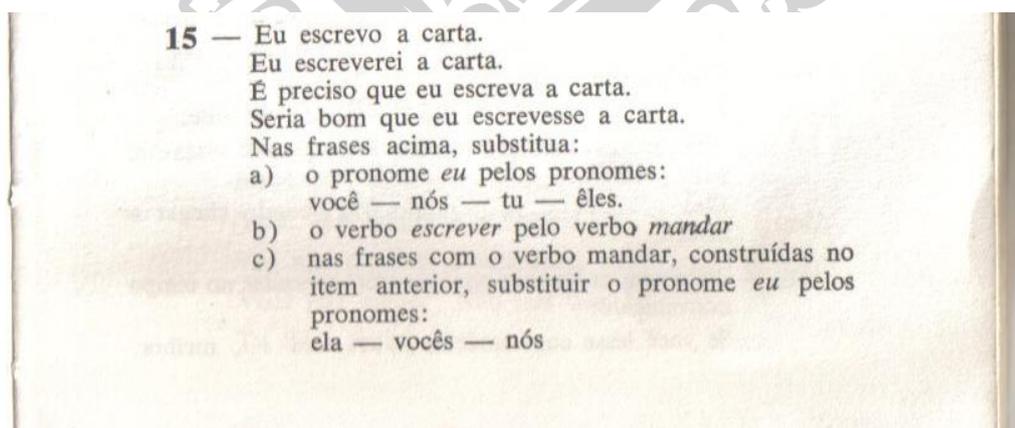


Figura 01 - Página 15 do livro Português através de textos (Soares, 1970).

Ainda hoje a escola utiliza pedagogicamente a prática da correspondência. Há Clubes de Correspondência<sup>11</sup>, há tarefas nos livros escolares que envolvem a escritura de cartas, e, com a disseminação das tecnologias da informação a comunicação escrita através da internet, entre alunos de diferentes escolas, em diferentes lugares, começa a generalizar-se. Algumas vezes os alunos, mesmo utilizando computadores e internet, são

<sup>10</sup> Nas páginas 83, 84 e 139 as cartas são novamente tema de exercícios.

<sup>11</sup> Existem clubes de correspondência organizados entre turmas e entre escolas e, existe também o International Pen Club -<http://www.ipfeurope.com/ipfportugues.htm> - que tem um programa especialmente destinado à escolas.

estimulados a utilizar o formato de carta ainda que possam prescindir do serviço dos Correios, já que as cartas são enviadas por meio digital.

A propósito da comunicação escrita via internet pode-se assumir que um tipo de código diferente, mas ao mesmo tempo guardando similaridades com as cartas, também vige.

### A CIRCULAÇÃO DE CARTAS

Por definição as cartas circulam. Escritas para suprir a falta, ou suprimir a distância, as cartas levam o correspondente – ou suas palavras por escrito – ao destinatário distante. Não é nada incomum um correspondente declarar que ler a carta do amigo é receber sua visita ou ouvir sua voz, tal como Sêneca, na Epístola 40: “Agradeço-te a frequência com que me escreves, pois é o único meio de que dispões para vires a minha presença. Nunca recebo uma carta tua sem que imediatamente, fiquemos na companhia um do outro” (*apud* TIN, 2005, p. 24).

Para cumprir seu papel, as cartas viajam, de um bairro a outro, de uma cidade a outra, de um país a outro, de uma escola a outra. Não importa se a distância é grande ou não, as cartas são levadas ao seu destinatário pelo correio, pela internet, pela “nuvem”, e, em épocas anteriores, também por portadores, mensageiros ou por um correio<sup>12</sup>.

Atualmente a circulação das cartas é competência dos Correios. A Lei Postal de 1978, no seu artigo 47, define correspondência postal como “o objeto que contém comunicação ou nota atual e pessoal, dirigida a outrem”. E, ainda, “carta é todo papel, mesmo sem envoltório, com comunicação ou nota atual e pessoal”. Também são consideradas cartas “todo objeto de correspondência com endereço, cujo conteúdo só possa ser desvendado por violação”. (Lei 6.538/78).

Na década de 1840, vários países ocidentais modificaram seus sistemas de correio. A Inglaterra foi o primeiro deles com a implantação do *Penny Post*<sup>13</sup>, que tornou

<sup>12</sup> Por muito tempo a expressão correio significou pessoa enviada com o fim de transportar mensagem, despacho, encomenda ou correspondência e, possivelmente, aguardar a resposta. As grandes casas costumavam dispor de fâmulos para esse serviço. Impérios mantinham estradas e organizavam serviços de posta para obter uma comunicação eficiente e, eventualmente, serviços postais passaram a ser oferecidos, mediante pagamento, à população capaz de fazer uso deles.

<sup>13</sup> A reforma postal inglesa, implantada por Sir Rowland Hill, estabeleceu o *Penny post* - modalidade de postagem – e fixou que “todas as cartas deviam ser pagas pelo expedidor, com um porte uniforme estabelecido pelo correio – um *penny* para as cartas pesando menos de catorze gramas”. Antes desta

simples e barato expedir cartas e transformou a correspondência num hábito. O volume de cartas expedidas nesse país dobrou já no primeiro ano de funcionamento do novo sistema e multiplicou-se muitas vezes nas décadas seguintes. Como assinala Peter Gay, rapidamente "escrever cartas passou a ser uma ocupação importante das pessoas alfabetizadas". (1999, p. 342-343). Nos Estados Unidos realizou-se uma reforma semelhante em 1848, no Brasil, a adoção do modelo inglês se deu em 1842.

Outra mudança significativa, desta vez no tempo transcorrido entre a expedição e o recebimento das cartas, ocorreu com a criação do correio aéreo nos anos 1920, assim registrado por Saint-Exupéry:

Os três aviões postais da Patagônia, do Chile e do Paraguai voltavam assim do sul, do oeste e do norte para Buenos Aires, onde se aguardava sua carga para dar o sinal de partida, por volta da meia noite, ao avião da Europa. (1975, p. 21).

Essas questões – correios, selos, malas postais - não são apenas ilustração histórica, elas reverberam nas práticas. Em carta datada de 16 de março de 1928, enviada de Londres, Mozart Antunes Maciel<sup>14</sup>, escreve à mãe sobre o correio aéreo:

No caso de eu poder voltar imediatamente, pede ao Papae que, como da primeira vez, encha um cheque de 100 (custo da passagem) Libras, que tú mesma me enviarás juncto com algumas recommendações que julgues necessarias; e si puderes, não deixes de aproveitar o correio aereo (cuja primeira “mala” dahi já foi distribuida hontem em Paris), que significa uma economia de tempo de mais de 20 dias. (Carta de 16 de março de 1928).

O prazer das cartas que chegam, a angústia das cartas que se perdem, a espera pelas cartas que demoram. As condições de possibilidade de manutenção do comércio epistolar<sup>15</sup> atravessam as práticas e são tratadas, ao lado dos temas da vida privada,

---

reforma, o serviço postal inglês “estava perdido em uma confusão de regulamentos que traziam grandes inconvenientes e tornavam as taxas exorbitantes”, a distância e o peso da carta multiplicavam o valor do porte que era pesado mesmo para os “melhores” e inviável para os pobres. “Pior ainda: o tráfego postal não era seguro, estava exposto a extravios, furtos, contrabando e atrasos extraordinários”, conforme Peter Gay. (1990, p. 342/3).

<sup>14</sup> Mozart é um dos correspondentes do conjunto Maciel juntamente com a avó Amélia, que é a Baronesa de Três Serros, e com o irmão Rubens. A destinatária das cartas é sempre sua mãe, Sinhá. Todas as cartas deste conjunto fazem parte do acervo do Museu da Baronesa, em Pelotas, RS. Este conjunto epistolar foi objeto de minha tese de doutorado intitulada De Correspondência e correspondentes: Cultura Escrita e Práticas Epistolares, disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/21852>.

<sup>15</sup> Entendo por comércio epistolar a simples troca de cartas, regular ou não, entre dois correspondentes. No mesmo sentido em que Roquete ([1866]), 1977, p. 268) emprega esta expressão em seu manual.

rotineiramente nas cartas. Compõem o mosaico dos usos diferenciados, das apropriações, ou não, das normas, dos efeitos de sentido da escrita epistolar.

Escrever é traçar na página, por “uma série de operações articuladas gestuais e mentais”, trajetórias que desenham frases e, por fim, um sistema. (CERTEAU, 1994, p. 225). A página, o texto, o jogo escriturístico e o terreno cultural e social no qual esse jogo acontece, são elementos a considerar no empreendimento epistolar.

O jogo escriturístico não é apenas um jogo,

[...] tem como sentido remeter à realidade de que se distinguu *em vista de mudá-la* [...]. O laboratório da escritura tem como função ‘estratégica’: ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o mundo e transformá-lo. A ilha da página é um local de passagem onde se opera uma inversão industrial: o que entra nela é um ‘recebido’, o que sai dela é um ‘produto’. As coisas que entram na página são sinais de uma ‘passividade’ do sujeito em face de uma tradição; aquelas que saem dela são as marcas de seu poder de fabricar objetos. (CERTEAU, 1994, p. 226).

Uma carta é um objeto escrito. Escrito por um missivista que traça, com seus gestos sobre a página, frases que querem dizer algo a alguém. Esse produto escriturístico nunca é neutro.<sup>16</sup>

No ato/gesto epistolográfico, missivistas, a partir de um repertório compartilhado de palavras, conceitos, modelos, gestos e costumes, pensam e expressam um mundo exterior ao empreendimento escriturístico em que se empenham.

A materialidade da escritura tem implicações - o papel, o envelope, a pena/caneta - os instrumentos da escrita; o lugar de escrever; a distribuição do escrito na página; a ordem em que os assuntos aparecem; o estilo adotado; os espaços deixados em branco; as normas epistolares (obedecidas ou não), tudo isso provoca efeitos sobre os missivistas – e pretende conformar a leitura que será feita pelo destinatário, ao induzir tal ou qual compreensão, insinuar o indescritível, expor determinadas impressões e sentidos.

<sup>16</sup> “A empresa escriturística transforma ou conserva dentro de si aquilo que recebe de seu meio circunstancial e cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior”. (CERTEAU, 1994, p. 226).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Lei N° 6.538, de 22 de junho DE 1978. Disponível em <http://www.correios.com.br/servicos/falecomoscorreios/lei6538.cfm> acesso em 13 jul de 2009.
- CASTILLO GOMES, Antonio. *Entre la pluma y la pared*. Madrid: Ediciones Akal, 2006
- CASTILLO GOMES, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. **Revista Brasileira de História da Educação**. Dossiê “O Público e o Privado na Educação Brasileira”; janeiro/junho 2003, nº 5.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994
- CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**. Porto Alegre: UFRGS, 2003
- CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. . In: CHARTIER, R. (Org.). **História da Vida Privada**, v.3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- CHARTIER, Roger. **Formas e sentido. Cultura escrita: entre apropriação e distinção**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003 a.
- DAUPHIN, Cécile e POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver- cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena C., CUNHA, Maria Teresa S. e MIGNOT, Ana Chrystina V.(orgs.). **Destinos das Letras: História, Educação e Escrita Epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.
- DAUPHIN, Cecile. *Prête-moi ta plume... Les manuels épistolaires au XIXe siècle*. Paris, Klimé, 2000.
- D'ÁVILA, Carmen. **Boas maneiras**. Ilustrações de Noemia. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Civilização Brasileira S.A., 1942.
- GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: o coração desvelado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GOMES, Angela Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, A. C. (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- IONTA, Marilda Aparecida. **As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Fevereiro/ 2004.
- MIRANDA, José Tavares de. **Boas maneiras: e outras maneiras**. Ilustrações de Nelson Coletti. São Paulo: Bestseller Importadora de Livros S.A., 1965.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis, *A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII*. In: GALVÃO, Walnice e GOLTJIEB, Nádia. **Prezado senhor , prezada senhora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ROQUETTE, JI, **Código do Bom-Tom, ou regras da civilidade e do bem viver no século XIX**. Organizado por Lília Moritz Shwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **Vôo Noturno**. 3ª ed. Círculo do Livro, São Paulo, 1975

SIERRA BLÁS, Verônica. *Aprender a escribir cartas. Los manuales epistolares em la Espanha contemporânea (1927-1945)*. Ediciones TREA, 2003.

SOARES, Magda Guimarães. **Português através de textos**. 2ª Série. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S/A, 1970.

STOKER, Bram. **Drácula**. Porto Alegre: LPM, [1897] 2007.

TIN, Emerson (org), Anônimo de Bolonha, Erasmo de Roterdam, Justo Lísio. **A arte de escrever cartas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

VILLELA, Lúcia Jordão (Tradução e Adaptação). **Saber viver**. São Paulo: Livraria Editora Flamboyant, 1967. Ela Enciclopédia. Título original: *Lê savoir-vivre, Collection "Femmes d'Aujourd'hui"*, 1961, Bruxelles.

